

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EaD GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA**

**IVAN VICENTE DE SOUZA**

**“TEM UM HOMEM NA MINHA CRECHE”: A QUESTÃO DE GÊNERO NA  
PRODUÇÃO CIENTÍFICA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE  
PROFISSIONAL DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**FLORIANÓPOLIS**

**2016**

**IVAN VICENTE DE SOUZA**

**"TEM UM HOMEM NA MINHA CRECHE": A QUESTÃO DE GÊNERO NA  
PRODUÇÃO CIENTÍFICA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE  
PROFISSIONAL DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso do Curso  
de Especialização EaD Gênero e  
Diversidade na Escola. Disciplina:  
Metodologia de Pesquisa..

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Simão

**FLORIANÓPOLIS**

**2016**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Souza, Ivan Vicente de  
"Tem um homem na minha creche": : A questão de gênero  
na produção científica e a construção da identidade  
profissional da docência na educação infantil. / Ivan  
Vicente de Souza ; orientador, Márcia Buss Simão -  
Florianópolis, SC, 2016.  
38 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de  
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.  
Curso de Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1.Ciências Humanas. 3. Gênero. 4. Educação Infantil. I.  
Simão, Márcia Buss. II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Gênero e Diversidade na Escola. III. Título.

IVAN VICENTE DE SOUZA

**“TEM UM HOMEM NA MINHA CRECHE”: A QUESTÃO DE GÊNERO NA  
PRODUÇÃO CIENTÍFICA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE  
PROFISSIONAL DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para  
obtenção do título de Especialista em  
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

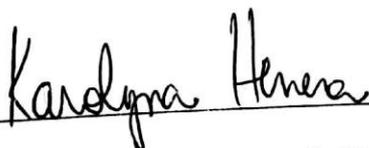
Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:



Olga Regina Zigelli Garcia

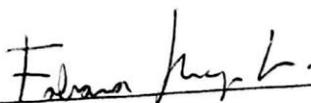
Banca Examinadora:



Karolyna Marin Herrera



Márcia Buss Simão



Fabiana Stringini Severo

*O lugar no qual me encaixarei não existirá até  
que eu mesmo o crie. - James Baldwin*

## RESUMO

A presente pesquisa, em nível de especialização, teve como objetivo investigar o que duas pesquisas já realizadas, referentes a presença de professores homens, revelam sobre as questões de gênero e identidade profissional da docência na educação infantil. A fim de alcançar os objetivos propostos na pesquisa adotou-se como procedimento metodológico a análise qualitativa de produções científicas que abordem a questão da docência de homens em instituições de Educação Infantil, utilizando a Técnica de Análise de Conteúdo. Foi realizado um levantamento de produções científicas no Banco de Teses e Dissertações do IBCT, utilizando a combinação de palavras-chaves: *educação infantil e homens* para a realização deste levantamento. A partir da busca, foram selecionadas duas pesquisas, uma tese de doutorado e uma dissertação de mestrado para o levantamento de dados. Para as análises utilizou-se como referencial teórico estudos sobre gênero, bem como estudos sobre a docência na educação infantil. A partir da leitura da dissertação e tese selecionadas procedeu-se as análises considerando temáticas emergentes das pesquisas realizadas. Dessa forma, primeiramente foi analisado questões referentes a escolha profissional pela educação infantil pelos professores, buscando elementos que abrangem as questões de gênero. Em seguida, foi discutido questões referentes a entrada dos professores nas instituições e os enfrentamentos e/ou barreiras que encontraram ao se inserirem nas instituições de ensino. Por último, foi analisado as práticas pedagógicas na educação infantil a partir das vivências que são relatadas nas pesquisas escolhidas, refletindo sobre questões referentes a aptidões entendidas como femininas/masculinas e a intencionalidade em pensar as questões de gênero ao planejar ações junto as crianças.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Gênero. Docência.

## **ABSTRACT**

The research aimed to investigate results from two previous studies, which refer to the influence of the presence of male teachers in the environment of early childhood education. As a methodological procedure, we adopted the qualitative analysis of scientific researches that address the issue of teaching men in institutions of Early Childhood Education, using the Content Analysis Technique. A survey of scientific productions was carried out at the IBCT Thesis and Dissertation Bank. From the search, two researches were selected, a doctoral thesis and a master's dissertation for the data collection. It was considered emerging themes of the cited research and important aspects to reflect on gender relations in the construction of professional identity and teaching practice in children's education. Firstly the analysis focused on the matter of the professional career choice by the male teachers. Then it was discussed issues concerning the acceptance of male teachers into institutions and the confrontations and / Or barriers they encountered when they were part of the institutions. Finally, we analyzed the pedagogical practices in children's education based on the experiences reported, reflecting on aptitudes understood as female / male and the intentionality of thinking about gender issues when planning actions with children.

**Keywords:** Early Childhood Education. Genre. Teaching

## **LISTA DE GRÁFICOS**

**Gráfico 1**- Pesquisas realizadas por mulheres e homens.

**Gráfico 2** - Pesquisas por nível de ensino.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 OBJETIVOS .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Objetivo Geral .....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 Objetivos Específicos.....</b>	<b>13</b>
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>14</b>
<b>4 PERCURSOS E CAMINHOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>18</b>
<b>5 ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>23</b>
<b>5.1 O começo da trajetória: a escolha profissional pela docência na educação infantil .....</b>	<b>24</b>
<b>5.2 Tem um homem na minha creche: impressões a partir da entrada de professores nas instituições de educação infantil .....</b>	<b>25</b>
<b>5.3 Docência na educação infantil: uma breve análise da presença de professores .....</b>	<b>29</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
<b>7 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os espaços das instituições educativas são marcados pelo encontro de pessoas oriundas de contextos diferentes, cada qual com seus aspectos identitários singulares. Dessa forma, o cotidiano educativo pode se revelar um espaço de diversidade, onde preconceitos, discriminações e segregações de diferentes naturezas podem ser desconstruídos ou reforçados.

Tratando-se da educação infantil, primeira etapa da educação básica, é importante lembrar que essas instituições, por diversas vezes, se revelam como o primeiro espaço institucionalizado de socialização com realidades diferentes do contexto familiar para as crianças. Dessa forma, é o primeiro contato das crianças com pessoas, tanto adultos quanto crianças, que tem características e formas de interagir com o mundo diferente daquelas com que estão habituadas.

A instituição de educação infantil se constitui enquanto espaço privilegiado para o encontro de adultos e crianças e, neste sentido uma excelente oportunidade para sistematicamente lançar possibilidades de ação mobilizadas, representando a possibilidade de construirmos um processo educativo inclusivo, igualitário, favorecendo assim o processo de humanização dos sujeitos no processo pedagógico (BRAGAGNOLO, BARBOSA, 2015, p. 127).

Neste sentido, as unidades de educação infantil têm potencialmente a possibilidade de ser um espaço onde, quando pensados e trabalhados de forma intencional, é possível ter uma educação pautada no respeito e valorização das diferenças.

Tratando-se de questões de gênero e sexualidade, há alguns aspectos que são importantes de se salientar. O primeiro é que a maioria das pessoas envolvidas nos espaços de educação infantil são mulheres. Este fato é em decorrência da construção histórica da identidade profissional, onde durante um longo período esses espaços tiveram um viés fortemente assistencialista<sup>1</sup>, privilegiando o cuidado das crianças, onde socialmente era encarado como tarefa destinada as mulheres.

A discussão teórica do perfil profissional da educação infantil já foi alvo de algumas pesquisas. Patrícia Regina Silveira de Sá Brant (2014), em sua dissertação de mestrado, analisou o perfil profissional das primeiras professoras da Rede Municipal de

---

<sup>1</sup> Sobre a discussão das funções da educação infantil, Kramer e Souza (1988) apontam que no decorrer da história as instituições assumiram, por vezes, funções assistencialistas e compensatórias como tentativas de suprir "carências" enfrentadas por crianças das classes populares.

Florianópolis, entre as décadas de 70 e 80, onde ocorreu a implementação em âmbito nacional do Programa Nacional de Educação Pré-Escolar. Sobre o perfil da professora de educação infantil,

Em síntese, a saber, seria mulher, jovem, com fôlego e energia para atuar na educação infantil. Vocacionada para o trabalho com crianças pequenas, mas com formação especializada, o perfil desejado deveria abrigar uma mescla de atitude "maternal" e "profissional" (BRANT, 2014, p. 7).

Dessa forma, mesmo que o contexto do município de Florianópolis se distancie do panorama nacional, por privilegiar profissionais com algum tipo de formação na área, o perfil profissional esperado ainda foi marcado por questões relativas ao gênero e a características entendidas e esperadas por mulheres.

Pensar a presença profissional de homens nesses espaços também é levar em consideração os processos que levaram a profissão ser encarada como algo destinado e entendido como feminino, além de explicitar como ainda há uma ligação forte entre o espaço privado e o espaço público no que diz respeito a algumas profissões "naturalizadas" como de mulheres.

Neste sentido, pensando nas questões de gênero, encontramos o perfil profissional de quem vem atuando na Educação Infantil, em que

[...] pode-se afirmar que elas têm sido mulheres, de diferentes classes sociais, de diferentes idades, de diferentes raças, com diferentes trajetórias pessoais e profissionais, com diferentes expectativas frente a sua vida pessoal e profissional e que trabalham em uma instituição que transita entre o espaço público e o espaço doméstico, em uma profissão que guarda o traço de ambigüidade entre a função materna e a função docente (CERISARA, 1996, p.41).

Dessa forma, a predominância feminina nos espaços de Educação Infantil é também em decorrência de uma construção de padrões sociais de papéis que mulheres e homens deveriam ou não assumir, seja na esfera pública ou privada. Logo, destinar a docência nas unidades de Educação Infantil às mulheres se torna algo, a nível de senso comum, naturalizado devido a dicotomia do cuidar e educar que a profissão exige. Além disso, ao legitimarmos funções específicas a um dos gêneros, podemos acarretar a exclusão do outro, devido à justificativa de falta de atribuições necessárias para o seu desempenho. Deste modo, a docência para as mulheres aparece como uma profissão que vai de acordo com o que, muitas vezes, ainda é esperado para elas, a educação e o cuidado com as crianças ou tarefas domésticas ligadas ao feminino.

Enquanto professor de educação infantil, em minha experiência profissional, já fui questionado diversas vezes por minha escolha na área, em que parece gerar

estranheza para algumas pessoas que um homem possa se interessar por uma carreira que tenha como objetivo a educação de crianças pequenas, tendo o cuidado indissociável do trabalho pedagógico. Este estranhamento ocorreu para algumas famílias e profissionais das unidades que passei. E podemos ser levados a acreditar que, devido ao caráter de educar e cuidar, muito erroneamente podemos creditar a escolha profissional à um mero instinto maternal ao invés de uma escolha política e consciente de uma carreira profissional.

Embora a educação institucionalizada tenha que estabelecer uma relação de diálogo e respeito com o contexto familiar, isto não torna os espaços de educação infantil uma extensão familiar e a escolha profissional ligada a ideia de maternidade. Contudo, mesmo que assim fosse, isto ainda revelaria a concepção que se carrega de papéis sociais que se delegam ao "ser pai e ser mãe", em que o cuidado e educação das crianças se revela, por vezes, como responsabilidade da mulher e o homem é designado apenas como provedor. Isto se torna importante de se questionar porque demonstra o sentido que se atribui aos papéis sociais e de como, muitas vezes, pensar gênero e sexualidade pode se tornar algo distante institucionalmente, quando se tem uma visão tão naturalizada do que é atribuído a cada gênero.

Movimentos sociais, como os feministas e LGBTTTT, em suas trajetórias lutam pela desconstrução e resignificação dos papéis que homens, mulheres e sujeitos não binários podem assumir em suas relações na esfera pública e privada. No entanto, vivemos em uma sociedade com dogmas machistas e patriarcais, onde ainda existem paradigmas a serem desconstruídos.

Dessa forma, pensar os perfis profissionais de quem atuam nas unidades de educação infantil é também uma forma de se perceber como mulheres e homens são percebidos socialmente e se ainda há padrões sociais que continuam se perpetuando, sobretudo no que é entendido como feminino e/ou masculino. Além disso, é questionar se há distinção entre o trabalho e as relações pedagógicas que mulheres e homens estabelecem em seu cotidiano profissional.

Minha proposta inicial de pesquisa foi, em um primeiro momento, entrevistar profissionais mulheres da rede municipal de Florianópolis acerca do trabalho de homens na docência da educação infantil. O objetivo inicial seria fazer uma análise do discurso dessas profissionais e de como elas percebem a identidade profissional e as questões de gênero na educação infantil. Contudo, por questões burocráticas para autorização do desenvolvimento da pesquisa na rede municipal de Florianópolis e levando em

consideração o tempo disponível para o desenvolvimento da pesquisa, optamos por reformular a proposta tendo como objeto de pesquisa duas produções científicas que abordem a discussão de homens na educação infantil.

Sendo assim, levando em consideração esse contexto da docência na educação infantil, definimos como **problema de pesquisa:** o que duas pesquisas já realizadas, referentes a presença de professores homens, revelam sobre as questões de gênero e identidade profissional da docência na educação infantil?

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Investigar o que duas pesquisas já realizadas, referentes a presença de professores homens, revelam sobre as questões de gênero e identidade profissional da docência na educação infantil.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- Compreender quais elementos e práticas levam a uma concepção de docência na educação infantil como uma profissão feminina;
- Buscar nas pesquisas indicações de ruptura das discriminações de gênero nas ocupações ligadas ao cuidado e educação das crianças de 0 a 6 anos e no próprio processo de socialização de meninos e meninas;
- Reunir indicações que contribuam para a integração e a complementaridade entre feminino e masculino na composição das especificidades da docência na educação infantil.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

É notória a presença majoritária de mulheres no exercício da docência da Educação Infantil. Neste sentido, é comum que a percepção que, muitas vezes, as próprias profissionais da área possuem esteja carregada por concepções culturais que engessam os papéis de gênero e atribuem às mulheres o papel de educar e cuidar das crianças, enquanto aos homens é creditado outras atribuições. Conforme Cerisara (1996),

[...] A educadora de crianças de 0 a 6 anos, situa-se em um universo feminino, que se apresenta desvalorizado em relação ao que se convencionou chamar de universo masculino, cujo modelo de trabalho é tido como racional ou técnico e onde predominam relações de impessoalidade nos espaços públicos. (CERISARA, 1996, p.159)

Neste sentido, pensar a predominância de mulheres no exercício da profissão docente na Educação Infantil também é levar em consideração a forma como as masculinidades e feminilidades são construídas e (re) significadas socialmente. Dessa forma, a provável minoria ou ausência de homens na trajetória das profissionais de Educação Infantil, seja na formação inicial ou na atuação direta com as crianças nas instituições de educação infantil, pode também ser uma ferramenta para se pensar o perfil profissional de quem atua na área. Seja pelas relações domésticas, por vezes, enraizadas na construção e exercício da profissão, como também nas formas que os papéis sociais do que é entendido como feminino ou masculino ainda precisam ser desconstruídos e resignificados.

Ana Beatriz Cerisara (1996), em sua tese de doutorado, discutiu sobre a construção da identidade profissional e trouxe importantes contribuições para se pensar relações que se estabelecem nos espaços das creches, bem como na imagem da identidade profissional que foi se constituindo acerca de quem atua nas instituições de educação infantil, trazendo importantes reflexões acerca da construção social de como a profissão é entendida como feminina. Dessa forma, pensar a presença profissional de homens nesses espaços também é levar em consideração os processos que levaram a profissão ser encarada como algo destinado e entendido como feminino, além de explicitar como ainda há uma ligação forte entre o privado e o público no que diz respeito a algumas profissões "naturalizadas" como de mulheres.

Segundo Louro (1997), é no convívio social e nas relações interpessoais, levando em consideração o contexto histórico, que acontece a construção, reprodução e ressignificação dos gêneros. No entanto,

A característica fundamentalmente social e relacional do conceito [gênero] não deve, no entanto, levar a pensá-lo como se referindo à construções de *papéis* masculinos e femininos. Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para os seus membros e definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar e de se portar... Através do aprendizado de papéis cada um/a deveria conhecer o que é adequado (e inadequado) para um homem e uma mulher numa determinada sociedade e responder a essas expectativas. Ainda que utilizada por muitos/as, essa concepção pode se mostrar redutora ou simplista (LOURO, 1997, p. 23- 24).

Dessa maneira, gênero é parte constituinte da formação das identidades das pessoas e está intrinsecamente relacionado a outras tantas categorias, como etnias, classe e orientação sexual. Além disso, gênero tem seus padrões e regras (re)definidos nas relações de poder estabelecidas nas relações sociais, em que as “práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizadas”, tornados naturais, que ajudam a padronizar os gêneros e a ignorar e/ou marginalizar as diferentes formas de masculinidades e feminilidades.

Referente a feminilização do magistério, Louro (1999) aponta que:

No Brasil é possível identificar algumas transformações sociais que, ao longo da segunda metade do século XIX, vão permitir não apenas a entrada das mulheres nas salas de aula, mas, pouco a pouco, o seu predomínio como docentes. [...] Talvez mais adequado seria entender que, naquele momento, um processo de urbanização estava em curso, no interior do qual – além da presença de outros grupos sociais, como imigrantes, de outras expectativas e práticas educativas e de outras oportunidades de trabalho – um novo estatuto de escola se instituía. O magistério se tornará, neste contexto, uma atividade *permitida* e, após muitas polêmicas, *indicada* para mulheres, na medida em que a própria atividade passa por um processo de ressignificação; ou seja, o magistério será representado de um modo novo na medida em que se feminiza e para que possa, de fato, se feminizar (LOURO, 1999, p. 95).

Como Louro (1999) afirma, pouco a pouco, foi permitida a instrução das mulheres por conta do seu principal papel, o de zelar e educar seus filhos e filhas. Dessa forma, ao se pensar a profissionalização feminina, as opções aparecem, de maneira geral, como formas de extensão do lar, tarefas que não ferissem e que legitimassem características ligadas ao que era esperado do feminino, como fragilidade, docilidade, maternidade e sensibilidade. Deste modo, a docência para as mulheres aparece como uma profissão que vai ao encontro do que era esperado para elas até então, a educação e o cuidado com as crianças.

Pensando no contexto atual, em que as mulheres conquistaram, por meio de lutas e movimentos sociais, direitos civis e uma inserção mais igualitária no mercado de trabalho, ainda encontramos a docência, principalmente a da Educação Infantil, como um campo significativamente feminino. Fazendo um paralelo com o que era esperado anteriormente para os gêneros, homens e mulheres, heterossexuais e em sua vida doméstica, consensualmente, não desempenham o mesmo papel como pai e mãe. Ainda há uma visão forte de que as mulheres, mesmo tendo uma vida fora do espaço doméstico, se mantêm como principais responsáveis pela educação das/os filhas/os, enquanto aos homens ainda é atribuído o papel de provedor familiar, onde a questão financeira se prevalece em cima do cuidado e educação das crianças.

Neste sentido:

Abrir espaço para que o homem possa lidar com o afeto, o sentimento, a maternagem é imprescindível assim como abrir espaço para práticas profissionais com feições masculinas dentro destas instituições de educação infantil faz parte do movimento que busca a integração e a complementaridade entre feminino e masculino com vistas a colaborar para a ruptura das discriminações de gênero nas ocupações ligadas ao cuidado/educação das crianças de 0 a 6 anos e no próprio processo de socialização de meninos e meninas (CERISARA, 1996a).

Sendo assim, é necessário se repensar e resignificar padrões que engessam e segregam homens e mulheres nas possibilidades que podem exercer profissionalmente ou até mesmo em suas vidas privadas. É fundamental possibilitar que as pessoas tenham liberdade de vivenciar formas plurais de seus gêneros, não apenas “permitindo” socialmente o cruzamento de características do feminino e do masculino, mas creditando possibilidades múltiplas, por exemplo, de docilidade, força e sensibilidade, ampliando e diversificando os comportamentos entendidos como femininos ou masculinos, além de se expandir a concepção de gênero como algo restringido a uma dicotomia.

Trazendo esta reflexão para a discussão da identidade profissional da docência na Educação Infantil, Cerisara (1996a) traz alguns aspectos de como a profissão tem se constituído culturalmente:

[...] - uma profissão que contém o que socialmente tem se convencionado chamar de práticas domésticas femininas;  
- uma profissão que inclui/supõe funções de maternagem (entendida aqui no sentido em que tem sido utilizada nos trabalhos de gênero, ou seja, processos sociais de cuidado e educação das crianças independente do sexo das pessoas que os desempenham, uma vez que é usado em oposição ao termo maternidade, esta sim relativa à dimensão biológica da gestação e do parto);

[...] - uma profissão que mantém práticas domésticas femininas muito similares às práticas das mulheres em suas casas, sem que esteja claro que o que as diferencia é o caráter de intencionalidade pedagógica das primeiras;

- uma profissão que tem se constituído no feminino e que traz consigo as marcas do processo de socialização que, em nossa sociedade é orientado por modelos de papéis sexuais dicotomizados e diferenciados, portanto desiguais;
- uma profissão que tem um caráter de ambiguidade tanto pelo tipo de atividade que a constitui quanto pela responsável por realizá-la, oscilando entre o domínio doméstico da educação (casa - mãe) e o domínio público da educação formal (escola - professora) (CERISARA 1996a).

Sendo assim, a docência é um reflexo de como a Educação Infantil tem se constituído, desde seu surgimento fortemente assistencialista e higienista, da necessidade de as mulheres terem onde deixar seus filhos e filhas para se inserirem no mercado de trabalho até a concepções de infância e educação mais atuais em que as crianças são concebidas como sujeitos de direito e protagonistas dos seus processos de aprendizagem e socialização. Logo, é de todo esse percurso que a docência na Educação Infantil se constituiu como uma profissão que exige um trabalho que articule o cuidar e o educar indissociavelmente, buscando ainda formas de construir o trabalho junto as crianças de forma que os espaços não se tornem domésticos ou escolarizantes.

#### 4 PERCURSOS E CAMINHOS METODOLÓGICOS

Podemos conceber a metodologia como o "fio condutor" que instrumentaliza e conduz o desenvolvimento da pesquisa, que "inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade) (MINAYO, 2009, p. 14)".

No âmbito das ciências, duas abordagens metodológicas se fazem mais recorrentes, a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa. Minayo (2009) define e diferencia ambas afirmando:

Enquanto os cientistas sociais que trabalham com estatística visam a criar modelos abstratos ou a descrever e explicar fenômenos que produzem regularidades, são recorrentes e exteriores aos sujeitos, a abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados (MINAYO, 2009, p. 22).

A pesquisa qualitativa, na medida que "trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (MINAYO, 2009, p. 21)" nos parece mais apropriada para a condução da nossa pesquisa, sendo que pretendemos buscar elementos - significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes - para analisar as relações de gênero e da identidade profissional na Educação Infantil em produções científicas já realizadas.

Neste sentido, levando em consideração que a pesquisa terá como enfoque a análise qualitativa de produções científicas que abordem a questão da docência de homens em instituições de Educação Infantil, utilizarei a Técnica de Análise de Conteúdo, em que é possível "caminhar na descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado (MINAYO, 2009, p. 81)", permitindo assim a "exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar (MINAYO, 2009, p. 79)".

Diante da definição dos objetivos definidos para essa pesquisa, que visa investigar o que pesquisas, já realizadas referentes a presença de professores homens, revelam sobre as questões de gênero e identidade profissional na docência na educação infantil, realizamos um levantamento de produções científicas no Banco de Teses e Dissertações do IBCT. O procedimento metodológico utilizado para a busca das produções foi a seleção da combinação de palavras-chaves: *educação infantil e homens* para a realização do levantamento. A partir da busca com essa combinação de palavras-chave foram localizadas 52 pesquisas e para a seleção foram realizadas leitura dos

títulos, resumos e quando a pesquisa se referia a temática pesquisada a dissertação ou tese foi acessada e salva na íntegra para posterior leitura. Dentre as 52 pesquisas encontradas, com temáticas variadas, como, por exemplo, violência sexual e construção da identidade de gênero, selecionamos 17 pesquisas que discutem a questão de professores homens em instituições de educação infantil e a feminização do magistério. Embora não tenha constado na primeira busca ao banco de dados, a pesquisa de Sayão (2005) foi incluída ao levantamento posteriormente devido a sua relevância na temática e nosso interesse em pensar como a questão dos professores homens podem ser entendidas no contexto das instituições de educação infantil da rede municipal de Florianópolis. Apresentamos no quadro a seguir o conjunto de pesquisas localizadas no banco de dados acessado.

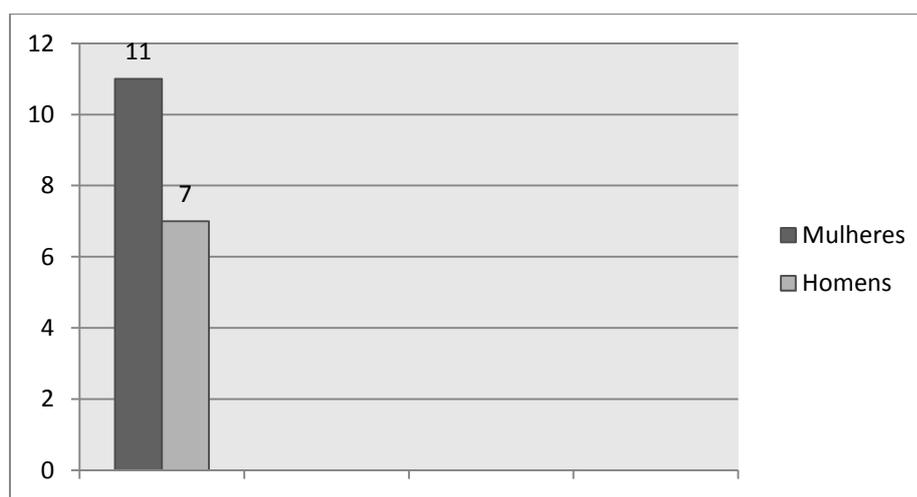
**Quadro 1. Seleção final das produções acadêmicas nos bancos de dados da BDTD/ IBICTI**

Relação de Dissertações e Teses selecionadas na BDTD/IBICTI					
	Banco de dados	Autor	Título	Área/Nível/ Instituição	Ano
01	<b>BDTD/IBICT</b>	<i>Deborah Thomé Sayão</i>	Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche	Doutorado/Educação / Universidade Federal de Santa Catarina	2005
02	<b>BDTD/IBICT</b>	José Luiz Ferreira	<i>Homens ensinando crianças: continuidade-descontinuidade das relações de gênero na educação rural</i>	Doutorado/Educação/ Universidade Federal de Paraíba	2008
03	<b>BDTD/IBICT</b>	<i>Marina Mariano</i>	A educação Física na Educação Infantil e as relações de gênero: educando crianças ou meninos e meninas?	Mestrado/Educação Física/ Universidade Estadual de Campinas	2010
04	<b>BDTD/IBICT</b>	<i>Mára Isis de Souza</i>	Homem como professor de creche: sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais	Mestrado/Educação / Universidade de São Paulo	2010
05	<b>BDTD/IBICT</b>	<i>José Edilmar de Sousa</i>	"Por acaso existem homens professores de educação infantil?": Um estudo de casos múltiplos em representações sociais	Mestrado/Educação/ Universidade Federal do Ceará	2011
06	<b>BDTD/IBICT</b>	<i>Maria Arlete Bastos Pereira</i>	Professor Homem na Educação Infantil: a construção de uma identidade	Mestrado/Educação e Saúde/ Universidade Federal de São Paulo	2012
07	<b>BDTD/IBICT</b>	<i>Benedita Francisca Alves</i>	A experiência vivida de professores do sexo masculino na educação infantil uma questão de gênero?	Mestrado/Educação / Universidade de Fortaleza	2012
08	<b>BDTD/IBICT</b>	<i>Fabio José Paz da Rosa</i>	O dispositivo da sexualidade enquanto enunciativo do professor-homem no magistério das séries iniciais e na educação infantil	Mestrado/Educação / Universidade do Estado do Rio de Janeiro	2012
09	<b>BDTD/IBICT</b>	<i>Patrícia Gouvêa Nunes</i>	Docência e Gênero: um estudo sobre o professor homem na educação infantil da rede municipal de ensino de Rio Verde (GO)	Mestrado/Educação / Pontifícia Universidade Católica de Goiás	2013
10	<b>BDTD/IBICT</b>	<i>Francisco Ullissis Paixão e Vasconcelos</i>	Heteronormatividade e educação infantil: uma análise a partir da feminização do ensino	Mestrado/Educação / Universidade de Fortaleza	2014

11	<b>BDTD/ IBICT</b>	Wagner Luiz Tavares Gomides	<i>Transitando na fronteira: a inserção de homens na docência da educação infantil</i>	Mestrado/Educação/ Universidade Federal do Viçosa	2014
12	<b>BDTD/ IBICT</b>	<i>Peterson Rigato da Silva</i>	Não sou tio, nem pai, sou professor!: A docência masculina na educação infantil	Mestrado/Educação / Universidade Estadual de Campinas	2014
13	<b>BDTD/ IBICT</b>	<i>Fernanda Francielle de Castro</i>	O giz cor-de-rosa e as questões de gênero: os desafios de professores frente à feminização do magistério	Mestrado/Educação / Universidade Metodista de São Paulo	2014
14	<b>BDTD/ IBICT</b>	<i>Maria Kubilius Monteiro</i>	Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil	Mestrado/Educação Física/Universidade Estadual de Campinas	2014
15	<b>BDTD/ IBICT</b>	<i>Elsa Santana dos Santos Lopes</i>	A presença masculina na creche: estariam os educadores homens fora de lugar?	Doutorado/Educação/ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2015
16	<b>BDTD/ IBICT</b>	<i>Ana Márcia de Oliveira Carvalho</i>	Vozes Masculinas no cotidiano escolar: desvelando relações de gênero na educação infantil sob a perspectiva fenomenológica de Alfred Schutz	Mestrado/Educação / Universidade Estadual Paulista	2015
17	<b>BDTD/ IBICT</b>	Bruno Leonardo Bezerra da Silva	<i>A presença de homens docentes na educação infantil: lugares (des)ocupados</i>	Mestrado/Educação/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte	2015
18	<b>BDTD/ IBICT</b>	<i>Michelle Mariano Mendonça</i>	Impacto da presença de gestores e professores homens em centros de educação infantil: alguns elementos para compreensão	Mestrado/Educação/ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2016

A partir do levantamento das pesquisas, foi feita uma análise quanto ao gênero das/os pesquisadoras/es e o nível de ensino que as produções científicas ocorreram, conforme os gráficos abaixo:

Gráfico 1: Pesquisas realizadas por mulheres e homens

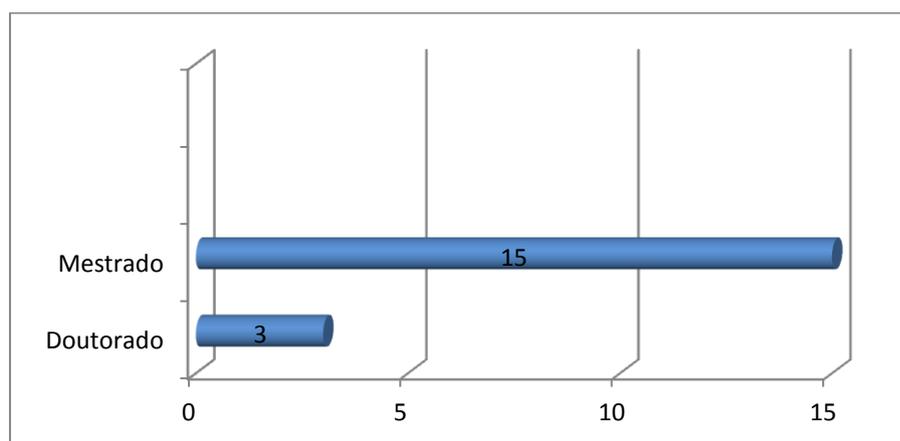


Fonte: do autor em 2016

A partir desses dados é possível observar que, dentro das pesquisas levantadas, há um número expressivo de pesquisadores homens interessados em entender os

significados da atuação de professores homens em espaços e em uma profissão entendida como feminina. Além disso, também é importante considerar a relevância de ter mulheres questionando a ausência e/ou a presença, extremamente minoritária, de homens atuando na docência da educação infantil e as consequências que este fato acarretam para as relações de gênero para as instituições educacionais e para a própria identidade profissional.

Gráfico 2 : Pesquisas por nível de ensino



**Fonte: do autor em 2016**

Conforme gráfico acima, é possível perceber que há um número mais expressivo de dissertações que abordam a questão da inserção de homens na docência da educação infantil do que teses. Isso nos leva a concluir que, possivelmente, as discussões de gênero nos espaços de educação infantil, principalmente com enfoque em refletir sobre a prática docente de homens nesses espaços, é algo relativamente recente e que vem se construindo sua relevância para se questionar as práticas docentes e a identidade profissional de quem atua na área.

A partir desse levantamento, foram escolhidas duas pesquisas que abordam a questão da docência de homens na Educação Infantil. Os parâmetros e critérios para essa escolha foram, primeiramente, pela questão de gênero, em que a escolha por pesquisadoras mulheres foi intencional, entendendo que a discussão a partir do ponto de vista das mulheres também produz sentido e significativo sobre o objeto de pesquisa, além de, como relatado anteriormente, meu desejo inicial de pesquisa era dialogar com profissionais mulheres sobre a presença de homens na docência da educação infantil. Além disso, outro critério levado em consideração foi a escolha metodológica adotada na pesquisa, em que foi fundamental selecionar duas pesquisas que tivessem adotado

percursos metodológicos similares. A pesquisa realizada na rede Municipal de Florianópolis foi a primeira selecionada, levando em consideração meu desejo inicial em realizar a pesquisa na rede municipal de Florianópolis e a vontade de refletir sobre meu contexto de atuação profissional. A segunda pesquisa foi escolhida por se enquadrar nos critérios e parâmetros anteriormente expostos, sendo uma autora mulher e por trazer trajetórias de professores homens com percursos metodológicos similares.

Sendo assim, as pesquisas escolhidas foram a tese de doutorado de Deborah Thomé Sayão (2005) e a dissertação de mestrado de Maria Arlete Bastos Pereira (2012). Embora ambas pesquisas abordem a questão de homens no exercício da docência, dialogam com contextos distintos, a pesquisa de Sayão ocorreu na rede municipal de Florianópolis e a de Pereira na rede municipal de Guarulhos, em que será possível analisar se há uma aproximação ou distanciamento entre as questões de gênero e identidade profissional nesses dois contextos.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo, apresenta os dados encontrados nas duas pesquisas eleitas para leitura e análise, referente as relações de gênero, na prática docente e na construção da identidade profissional de quem atua na educação infantil. Antes de apresentar os dados, é importante contextualizar o cenário em que as pesquisas escolhidas ocorreram.

Maria Arlete Bastos Pereira (2012), em sua dissertação de mestrado intitulada "Professor homem na educação infantil: a construção de uma identidade", buscou compreender como é construída a identidade do professor homem no exercício da sua profissão docente, tendo como referencial teórico os estudos de gênero. Com o levantamento feito a época, Pereira (2012) escolheu cinco professores atuantes na educação infantil do município de Guarulhos/SP, na faixa etária de 25 a 38 anos e atuantes na rede municipal com o tempo de serviço de 7 meses a 5 anos. A pesquisa com estes profissionais foi realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas e histórias de vida, com o objetivo de compreender as trajetórias e práticas docentes dos profissionais.

Deborah Thomé Sayão (2005), em sua tese de doutorado intitulada "Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche", pesquisou sobre o trabalho docente de professores homens em instituições de educação infantil da rede pública de Florianópolis, tendo as relações de gênero como base para a sua análise. De acordo com o levantamento feito, Sayão (2005) selecionou 5 professores atuantes na rede pública de Florianópolis, 3 na rede municipal, um na rede estadual e um que tem sua carga horária dividida em 20h na rede municipal e 20h na rede privada. Todos os professores possuíam nível superior, com idade entre 27 a 49 anos, tendo tempos diferentes de experiência na docência da educação infantil: entre 7 meses a 22 anos. Cinco auxiliares de sala, a direção das instituições educativas e familiares das crianças também participaram da pesquisa. Além disso, também foram entrevistados dois homens que deixaram de atuar como professores na educação infantil. As metodologias usadas foram entrevistas e observação participante, objetivando perceber a prática docente e as relações que os professores estabeleciam com as pessoas e os espaços das instituições de educação infantil.

A partir da leitura das pesquisas, foi possível destacar aspectos importantes para se refletir sobre as relações de gênero na construção da identidade profissional e na prática docente na educação infantil. Dessa forma, primeiramente será analisado questões referentes a escolha profissional pela educação infantil pelos professores, buscando elementos que abrangem questões de gênero. Em seguida, será discutido questões referentes a entrada dos professores nas instituições e os enfrentamentos e/ou barreiras que encontraram ao se inserirem nas instituições. Por último, será analisado as práticas pedagógicas na educação infantil a partir das vivências que são relatadas nas pesquisas escolhidas, refletindo sobre questões referentes a aptidões entendidas como femininas/masculinas e a intencionalidade em pensar as questões de gênero ao planejar ações junto as crianças.

### **5.1 O começo da trajetória: a escolha profissional pela docência na educação infantil**

Refletir sobre a escolha profissional dos professores pela educação infantil é buscar compreender de que maneira, em suas trajetórias, os homens optaram por seguir/iniciar uma carreira dentro do magistério. Dentre as pesquisas analisadas, as razões que levaram os professores ao magistério são inúmeras e não homogêneas, mas indicam um aspecto em comum: o de não ser uma carreira planejada e, inicialmente, projetada para o futuro.

Essa questão fica evidente quando Pereira (2012), ao relatar a trajetória de um dos professores, aponta que ele "não esperava ser professor, a ideia era fazer uma escola "mais qualificada" para tentar a carreira militar, ou no caso, ter mais chances no vestibular (PEREIRA, 2012 p. 92)".

Na mesma direção, Sayão (2005) aponta, sobre um dos professores pesquisados, que

*[...] sua opção pelo magistério aconteceu por acaso. Sua primeira opção seria fazer contabilidade porque não via muita chance de trabalhar na educação. No dia em que foi fazer a inscrição para o curso pretendido, percebeu que havia perdido os documentos e não conseguiu fazê-la. Para não perder o ano escolar inscreveu-se no Magistério porque era na mesma escola em que ele havia estudado anteriormente e por isso não necessitava dos documentos (SAYÃO, 2005, p. 103).*

Pode se mostrar evidente que, em decorrência da construção social em torno de quem atua nas instituições de educação infantil, um homem chegar a assumir essa

profissão pode se configurar como um "desvio" de um outro desejo inicial. No entanto, como Sayão (2005) aponta, há outras questões que também são levadas em consideração no momento em que homens optam por essa profissão.

Quando comentou com as pessoas mais próximas de sua família que gostaria de ter o magistério como profissão e que prestaria vestibular para tal [...] *pediram que eu fizesse um outro curso que me desse mais dinheiro, que me desse um futuro diferente [...]* (ANGELO, PROFESSOR) (SAYÃO, 2005, p. 70).

A partir dessa fala, outra questão também é levantada como relevante na escolha profissional, a (des)valorização profissional e a pressão familiar por um opção que esteja mais de acordo com as expectativas criadas.

Refletindo sobre a questão de gênero e de como as mulheres, assim como os homens, não escolhem suas carreiras dentro do magistério de forma homogênea, encontramos a pesquisa de doutorado de Cerisara (1996), onde ao entrevistar professoras e auxiliares de sala, disserta que

Quanto às escolhas profissionais, as professoras explicitaram que, na verdade, houve muito mais uma *não escolha* pela profissão ou do curso de magistério, sempre referidas ao padrão da professora de 1ª a 4ª séries. O ingresso na creche é uma decorrência e não o ponto de partida para a escolha. A única das professoras que assume ter escolhido ser professora afirma tê-lo feito para atuar com as séries iniciais do 1º grau. [...] As demais professoras falam dos diferentes motivos que as levaram a *escolher* não escolhendo a profissão de professoras. A professora Tereza diz que não escolheu a profissão, mas foi induzida pelo pai e conta o que sonhava em termos de profissão que queria seguir, mas que se mostrou incompatível para uma mulher, segundo os critérios paternos (CERISARA, 1996, p. 69 e 70).

Neste sentido, podemos perceber que, assim como ocorre com alguns professores, a escolha profissional pela docência na educação infantil para algumas professoras também ocorreu como um "desvio" de uma outra trajetória almejada. Contudo, não podemos desconsiderar a questão de gênero que perpassa essas escolhas, onde as mulheres têm sua opção legitimada e, por vezes, indicada, enquanto os homens, geralmente, enfrentam questionamentos e/ou "estranhamento" por suas escolhas em trabalhar com crianças pequenas.

## **5.2 Tem um homem na minha creche: impressões a partir da entrada de professores nas instituições de educação infantil**

Para além das razões que os levam a docência na educação infantil, os professores homens, muitas vezes, parecem ter suas escolhas profissionais "julgadas"

por quem atua na mesma instituição. Esse "julgamento", possivelmente, se configura em buscar justificar a presença desses professores em um espaço historicamente constituído como feminino.

Dessa forma, Sayão (2005) sinaliza os questionamentos que as profissionais fizeram ao saber que um homem assumiria a docência na instituição:

*[...] eu cheguei na creche e já comentei: - oh, vem um homem trabalhar aqui, heim! As professoras logo perguntaram: - como é que ele é? É bonito? É solteiro? Surgiram essas perguntas. Eu disse: é bonito e é casado e vocês não se assanhem! (ELIZETE, PROFESSORA) (SAYÃO, 2005, p. 76 e 77).*

A partir desse relato, é possível refletir acerca do imaginário criado a partir da inserção de homens em espaços entendidos como femininos. Todos esses questionamentos "extrapolam a docência e sua dimensão pública (SAYÃO, 2005, p. 77)". Questionar a aparência física e o estado civil do docente pode ser, como Sayão (2005, p. 77) aponta, "indícios de uma certa sensualidade" ou, então, uma curiosidade velada acerca da sua sexualidade. A trajetória profissional do professor parece ficar em segundo plano, dando espaço para a "curiosidade" e a "expectativa" criada sobre o professor. É necessário questionar quais as implicações que esse imaginário pode acarretar para o exercício da profissão.

Neste sentido, Pereira (2012) traz o relato de um professor que conta que, ao assumir a vaga de docente em uma instituição, iria assumir o Berçário I,

*[...] Mas por uma questão assim da diretora achar [...] um homem no Berçário I, os pais podem não ver com bons olhos, e até também a questão do homem trabalhar com o Berçário I, então ela me colocou para trabalhar com o Berçário II. Ela não perguntou, será que você quer trabalhar no BI? Ela falou para ir para o Berçário II. [...] Ela não viu todo esse processo que eu passei: eu fiz Magistério, participei do Projeto Educriança, fiz pedagogia. [...] Nem perguntou, será que você tem formação? Você é homem vai para o BII (risos), pelo menos as crianças sabem falar e se houver alguma coisa, algum desrespeito com as crianças, elas vão falar (ANGELO, PROFESSOR) (PEREIRA, 2012, p. 94).*

Esse relato evidencia que as "expectativas" em torno da presença masculina dentro das instituições podem gerar conflito. Como o relato sugere, a diretora antecipou uma possível reação das famílias à presença do professor e o colocou em um espaço em que seria menos "preocupante". Ao fazer tal proposta, a diretora também nos revela o que pensa sobre a presença do docente, reforçando uma visão do senso comum que concebe homens como agressores em potencial.

Nesta mesma questão, referente ao risco de violência sexual, Sayão (2005) traz o depoimento de uma avó referente a um professor que seria homossexual:

*Ali no caso, o Ivan é mais para mulher do que para homem porque no caso se fosse um professor, um homem mesmo, eu até já ficaria com a pulga atrás da orelha. Mas, geralmente toda a pessoa que é homossexual a gente sabe que é dócil. Todo homossexual quer ter um filho e por isso eles são dóceis com as crianças. Agora se fosse um homem eu já ficaria até mais preocupada. [...] A gente sabe que tem o abuso sexual, essas coisas. A preocupação das mães é mais em relação a isso. No caso o Ivan ali, não. Agora se já ele não fosse assim, aí talvez eu me preocupasse um pouco. (DALVA, AVÓ DE C.) (SAYÃO, 2005, p. 226).*

A posição de Dalva expõe uma linha de raciocínio que aparentemente não tem claro que a identidade e expressão de gênero do professor<sup>2</sup> não, necessariamente, segue a linearidade que ela produz em seu discurso. Também legitima a docência do professor Ivan a partir de sua orientação sexual, justificando que sua homossexualidade o tornaria "mais para mulher". Dessa forma, ao explicitar que o professor é feminino, reforça a ideia de que os espaços e a identidade profissional da educação infantil são legitimados para o gênero feminino hegemônico, em que a presença masculina seria um "sinal de alerta" para possíveis riscos.

Ao mesmo passo em que Sayão (2005) traz esse relato de "aceitação" de uma avó, também relata casos de conflitos, como o caso de outro professor:

*Nós tivemos há pouco tempo dificuldades com relação a um pai que ele diz que não vê essa delicadeza como uma coisa normal. Inclusive a esposa dele ligou para a minha casa. Eu até nunca comentei isso com o professor porque eu acho bem chato. A mãe disse para mim: tu tens um veado trabalhando aqui na tua creche? Eu disse: veado? Não tem nenhum veado na minha creche. Ela disse: tem, sim. E eu não gosto disso. Mas por que tu não gostas disso? Porque está influenciando o meu filho. Eu disse: não tem nada a ver. Ele é um profissional. O professor é casado, ele tem sua família. E mesmo que não fosse casado, a vida particular dele pertence a ele. Eu disse que o Júnior tinha um jeito delicado, mas era homem como outro qualquer. Está na função de professor da Educação Infantil de uma creche e eu não vejo nada diferente. Ela disse: é um veado que fica pintando as crianças. Toda a vida que o meu marido chega, ele está pintando as crianças. Eu disse: eu não vejo isso. Eu trabalho há muito tempo com o Junior e eu nunca vi isso. Mas daí o que eu notei? Que o fato do Júnior ter essa maneira mais delicada dele que para nós é normal, muitos pais vêm dessa forma. Eu vejo o Júnior um homem como outro qualquer. Tem diferenças, sim. Ele é super delicado. Se eu for comparar ele com o meu marido. É totalmente diferente. Ele tem o jeito de trabalhar com criança, tem paciência, tem dedicação, tem tudo, mas é um homem. (SIMONE, DIRETORA) (SAYÃO, 2012, p. 227).*

O caso relatado pela diretora, mais uma vez, explicita a confusão entre gênero e orientação sexual. Não fica claro na pesquisa como o professor entende sua orientação sexual, embora conste que ele é casado e tem uma filha, o que nos remeteria a uma

---

<sup>2</sup> Sayão (2005) não questionou diretamente os professores entrevistados quanto aos seus entendimentos acerca de gênero e orientação sexual e de como se identificam neste sentido, o que ampliaria os elementos para a discussão.

possível heterossexualidade. Contudo, referente ao gênero, o professor em questão aponta alguns aspectos que revelam um pouco de sua compreensão de si:

*Eu me achei sempre um homem diferente. Por toda a minha história. Eu nunca fui mulherengo. Eu nunca fui de namorar muito. Eu era muito restrito às minhas coisas. Eu me achava meio efeminado. Eu não sou homem igual aos outros. Macho, aquela coisa assim [...] (JÚNIOR, PROFESSOR.) (SAYÃO, 2005, p. 217).*

Dessa forma, o professor parece levar em consideração um padrão hegemônico de masculinidade para interpretar a sua forma de ser e estar no mundo. Seu discurso dá indícios de que, mesmo de forma negativa, percebe características femininas em si.

Pensar a dicotomia feminino e masculino se torna fundamental para refletir sobre a inserção dos docentes homens nas instituições de educação infantil ao passo que, para além das relações entre a comunidade educativa, essa questão se configura no momento de pensar a prática docente.

Pereira (2012) traz o relato de um professor que diz que

*"[...] homens são mais objetivos que as mulheres. Porque assim, não é ficar cantando musiquinha bonitinha a manhã inteira; não é ficar fazendo desenhinho bonitinho na Educação Infantil."*  
*[...] "Eu sou homem, tem coisas que eu não vou fazer, acho que não é legal, até por causa das minhas questões sociais, familiares, do que eu acredito". Quanto ao jeito das professoras, diz não saber "especificar, até porque as pessoas, mesmo entre elas, elas são diferentes; mesmo as mulheres". Na construção da identidade do professor, uma vez que são poucos; os que estão, têm a responsabilidade de não ser homem fazendo o papel da mulher na sala (PEREIRA, 2012, p. 115).*

Esse relato pode nos remeter a um discurso que professores e professoras, apesar de estarem exercendo a mesma função dentro da unidade, deveriam assumir posturas diferentes, profissionalmente, devido a dicotomia de gênero.

Neste sentido, Sayão traz o relato do início da trajetória em uma instituição privada de um de seus professores entrevistados.

*[...] eu tinha que ter atitudes masculinas para ela me contratar. Elas até tinham vontade de ter um professor ali, mas se era homem tinha que ter atitudes masculinas. Não podia ser afeminado porque senão os pais não iam aceitar. Ia interferir na formação das crianças. Então eu vivi com isso estes 30 dias pesando na minha cabeça. Até que ponto eu podia brincar, até que ponto eu podia rir, até que ponto eu podia falar. [...] Eu tinha que me conter, eu tinha que falar grosso, eu tinha que falar pouco porque homem fala pouco. Eu tinha que brincar, fazer brincadeiras com as crianças de um jeito masculino e não podia me espalhar muito [...] (JUNIOR, PROFESSOR) (SAYÃO, 2005, p. 218).*

O relato do professor Júnior evidencia não somente a cobrança para que seu gênero correspondesse ao padrão de masculinidade desejada, mas também revela a percepção que ele traz de si e onde seria necessário se "policiar" para corresponder a expectativa do que é esperado de uma postura de homem no exercício da função docente na educação infantil.

As questões que circundam e que, em certa medida, "policiam" o gênero que os professores podem e/ou devem expressar parece se configurar, de diferentes formas e de acordo com seus contextos, como alvo de cobrança e/ou expectativa das profissionais e/ou famílias das instituições. A formação profissional e as práticas pedagógicas, quando não relacionadas a questões ligadas as relações de gênero, também surgem e são questionadas, mas podem não gerar tantos conflitos ou curiosidades. O "risco" de possíveis conflitos que pode gerar uma masculinidade que não seja hegemônica demonstra ser, mesmo que em um primeiro momento, um aspecto que demanda atenção e curiosidade das profissionais das instituições.

### **5.3 Docência na educação infantil: uma breve análise da presença de professores**

A docência na educação infantil vem se constituindo historicamente como um espaço educativo que articula o cuidar e o educar indissociavelmente em suas práticas pedagógicas. Com relação ao perfil profissional, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) sinaliza que

O trabalho direto com crianças pequenas exige que o professor tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao professor cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se, ele também, aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. São instrumentos essenciais para a reflexão sobre a prática direta com as crianças a observação, o registro, o planejamento e a avaliação (BRASIL, 1998, p. 41).

Dessa forma, a função docente na educação infantil também exige incluir no planejamento das rotinas das instituições momentos voltados para troca de fraldas, higiene pessoal, alimentação, sono e cuidados com os corpos das crianças. São essas especificidades que, ao menos em um primeiro momento, caracterizam, muitas vezes, "barreiras" para a atuação dos professores dentro das instituições, seja por um entendimento social de que homens não estão aptos para realizar essas funções, seja

pelo "risco" que eles representam para o bem estar das crianças. Neste sentido, se torna fundamental buscar entender como os professores entendem suas ações junto as crianças.

Sobre as práticas pedagógicas, Sayão (2005), refletindo a partir dos professores que entrevistou e observou, diz que

*[...] o gênero não é o único demarcador das práticas, sejam elas concebidas como cuidado ou como educação. Operam, nesse caso, as diferenças entre concepções de criança, infância e papel da Educação Infantil como definidora de posturas e ações pedagógicas na instituição. Não há, portanto nem uma adesão incontestada a um modelo feminino "maternal" e sequer uma universalidade em que representações simbólicas de masculino sejam hegemônicas porque os professores são homens (SAYÃO, 2005, p. 183).*

Esta reflexão se torna fundamental para se pensar a identidade profissional da educação infantil e a função que é exercida pelos/as docentes. Dessa forma, as práticas pedagógicas são (re)construídas a partir dessas concepções elencadas e pela percepção que docentes vão construindo acerca de suas práticas.

Neste sentido, Pereira (2012), traz a fala de um professor que aponta que

*[...] professor que não pensa no que faz é inconcebível. Como PODE um professor que vai educar alguém, COMO PODE? Um professor que não pensa o que está fazendo. [...] A gente está numa profissão diferenciada, neste aspecto, [...] até porque você está trabalhando com ser humano, e ser humano é muito complexo [...]. (PEREIRA, 2012, p. 116).*

Dessa forma, é necessário discutir a docência a partir da intencionalidade (ou não) pretendida no trabalho pedagógico junto as crianças, levando em consideração a relevância do planejamento, registro e avaliação das propostas realizadas, incluindo nessa reflexão os momentos considerados como rotina, tais como alimentação, higiene, cuidados com o corpo e momento do sono.

Tanto Sayão (2005) quanto Pereira (2012) trazem relatos de professores que de alguma forma encontraram resistência ou "barreiras" para participarem de momentos e ações de atendimento individual ligados ao corpo das crianças, como as trocas de fraldas ou acompanhar as crianças ao banheiro. Essas situações, geralmente, ocorreram por conta do "imaginário" construído em torno do masculino como uma possível "ameaça". No entanto, esse mesmo "imaginário", que de certa forma imputa ao homem um papel de "vilão", é utilizado, em outros momentos, como forma de controle.

*Tem aquela questão do tradicional, por eu ser professor homem é mais severo, aquela pessoa mais tradicional, a questão do respeito - a lei e ordem. [...] Muitas vezes o professor diz assim: 'está bagunçando vou te levar para o professor Alexandre', acha que eu sou um carrasco, só de me ver (a criança) vai entrar em pânico, [...] acha porque é homem (PEREIRA, 2012, p. 96).*

*O profissional homem que educa [...] pode ter competências iguais ou até superiores à mulher, claro que existe algumas diferenças. Biologicamente nós somos diferentes de vocês mulheres, principalmente no que tange à figura de autoridade, queira ou não, nós impactamos bem mais, apesar de sempre eu ser simpático com crianças; [...] elas (professoras) me usam como instrumento de intimidação [...] Apesar de ser homem e impactar bem mais, nós temos nossas diferenças de atuação em sala (PEREIRA, 2012, p. 106).*

Neste sentido, em diferentes formas de se manifestar, parece existir uma legitimidade a imagem masculina como "ameaçadora" para regular e controlar as crianças quando necessário. Além disso, Sayão (2005), traz outro exemplo importante sobre essa questão.

*O professor se reconhecia como uma forte "liderança" na creche. Relatou que nas reuniões com pais e mães, e quando havia algo polêmico ou difícil de tratar com as famílias, as profissionais sugeriram ou solicitavam que ele expusesse as questões. Ou seja, conforme uma das auxiliares entrevistadas, as profissionais abriram espaço para que ele se pronunciasse sempre que algo polêmico estava para ser decidido ou realizado. Assim, parecia se reproduzir mais uma vez a velha tradição na qual os homens são aqueles que detêm o poder da linguagem utilizada no espaço público. Ainda, há a possibilidade da coordenação da creche utilizar o poder simbólico masculino, situação que não se restringiria unicamente à fala, mas estaria representado na própria figura do homem para convencer os familiares - em sua maioria mães - sobre algumas necessidades da instituição (SAYÃO, 2005, p. 122).*

Dessa forma, além de aparecer em situações com as crianças, a autoridade atribuída aos homens também é sinalizada como uma forma de "controle" sobre as famílias, revelando assim que, quando é do "interesse" das profissionais, a imagem masculina vista, em certa medida, como "intimidadora" é legitimada e encorajada em certas práticas.

Retomando a questão do cuidar e educar indissociável na prática da educação infantil, as pesquisas apresentam relatos onde os professores homens "negociam" formas de efetivar momentos de trocas ou de levar as crianças no banheiro. Pereira (2012) relata que o professor diz que

*[...] se há necessidade de trocar ele faz, mas sabe que a sociedade ainda carrega alguns valores, por isso na maioria das vezes é a professora quem troca, e levar ao banheiro, o combinado é que "ela leva as meninas e eu levo os meninos". Mas que as crianças são "grandinhas" e é só acompanhar. Fazem essa divisão, por conta da sociedade, pois os/as educadores/as pensam diferente, "[...] a gente não pode sair atropelando esses valores que eles (pais) carregam, porque a gente vai comprar uma briga. Aos pouquinhos a gente vai buscando que isso é possível, que essas mudanças [...] precisam acontecer" (PEREIRA, 2012, p. 125).*

Logo, o exercício da função docente acaba "refém" do possível conflito que pode ocorrer a partir de uma prática que é necessária no cotidiano da instituição. É necessário refletir acerca da relação estabelecida com as famílias e até que ponto há uma interferência no trabalho pedagógico por conta desta (falta) de comunicação e da construção de uma comunicação entre profissionais e familiares.

Esta preocupação em gerar conflitos aparecem em outros momentos da prática pedagógica em situações em que a questão de gênero aparece.

*A gente não valoriza e não reforça essa ideia que tem que ser assim. O azul tem que ser só para menino, e o rosa só para a menina. A cor é feita para qualquer pessoa. [...] A gente tenta trabalhar isso de uma forma mais sutil. Por quê? Porque a gente sabe que a gente esbarra com a sociedade. [...] Sabe que tem muitos pais conservadores e se, de repente, a criança chega em casa falando que a cor rosa é para menino também, [...] vão ter pais que vão querer tirar satisfação com a gente: "Mas pera aí, você está ensinado o meu filho a não ser homem?" A gente sabe que isso não tem nada a ver, mas tem pessoas que pensam assim e a gente respeita. No maternal, às vezes, tem menino que quer [...] brincar com a boneca, então a gente fala: "Olha você é o papai", [...] eles vão crescer um dia, eles vão ter filhos, eles vão ser pais, eles vão pegar os filhos no colo, de repente, vão ter que trocar. Estou eu aqui que trabalho numa profissão considerada profissão de mulher, então quer dizer eles vão ter que saber lidar com essas situações. [...] É lógico que a gente não vai falar para a criança: "Vai brincar de boneca", porque a gente sabe que, às vezes, vai comprar uma briga com os pais, mas se a criança pega uma boneca, a gente também não fala: "Não, não vai brincar", a gente fala: "Você é o médico, você é o papai da criança". Mostra que ele também pode ter uma função ali, naquela situação, de estar com uma boneca na mão (PEREIRA, 2012, p. 126).*

Desse modo, a prática pedagógica, em uma primeira análise, se torna "refém" das concepções que as famílias podem ou não ter das brincadeiras atribuídas a meninos e meninas. Evitar a oferta ou "permitir" se preocupando em atribuir significados, a nível de senso comum, socialmente aceitos a determinados brinquedos e brincadeiras pode sinalizar uma dificuldade em discutir questões de gênero que surgem nesses momentos, bem como ser um indicativo de preconceitos e tabus por parte das/os docentes.

Além disso, é necessário refletir sobre a (falta de) intencionalidade que professores e professoras apresentam no momento de planejar a oferta e os momentos de brincadeiras. Neste sentido, referente a questão dos brinquedos entendidos como de meninas ou meninos, Furlani (2008) aponta que

A manipulação, a interação, a exploração dos brinquedos pelas crianças permitiria:

- o aprendizado de habilidades específicas, como coordenação motora, reflexos, visão lateral;
- o exercício de atitudes, como desenvoltura no trânsito, controle das emoções, iniciativa, segurança, assertividade, responsabilidade, confiança;

- experimentação para o exercício de funções futuras, como o de pai, de mãe, de professora, de professor, de irmão mais velho, de irmã mais velha, tutor, responsável. (FURLANI, 2008, p. 100)

Dessa forma, as funções que as brincadeiras assumem no desenvolvimento das crianças são diversas, contribuindo para a potencialização de diferentes aspectos, sendo necessário que professoras e professores tenham intencionalidade ao planejar. Contudo,

Enquanto ser homossexual, gay, lésbica, travesti, transexual, transgênero for algo considerado negativo, em nossa cultura, pais e mães, professores e professoras se sentirão muitos desconfortáveis em permitir que meninos e meninas brinquem, livremente, com seus brinquedos (FURLANI, 2008, p. 101)

Neste sentido, o "policiamento" do que é permitido ou estimulado para que as crianças possam experimentar é perpassado também por questões envolvendo gênero e orientação sexual, onde os riscos que um possível desvio da norma representa algo é ser controlado.

Logo, como o relato de Pereira (2005) traz, fica evidenciado que, ao mesmo tempo em que há um discurso que "permite" experimentação por parte das crianças, não há uma intencionalidade definida na oferta dos brinquedos ao ponto de ocorrer um planejamento consciente do que cada brinquedo tem a oferecer no desenvolvimento das crianças. Não ocorrendo essa reflexão sobre a prática, o diálogo para construir um trabalho junto as famílias de desconstrução de preconceitos se torna muito mais complexo.

Além disso, os documentos oficiais que norteiam a prática pedagógica também são ferramentas importantes para garantir um trabalho que promova e seja pautado na equidade de gênero. A Prefeitura Municipal de Florianópolis, em 2015, lançou o Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, onde explicita alguns aspectos relevantes para a discussão de gênero.

Garantir a igualdade no tratamento aos meninos e às meninas da Educação Infantil.

Romper com as práticas (atitudes e linguagens) que reforçam modelos únicos de expressão do feminino e do masculino.

Cuidar com as condutas, as falas, a organização dos espaços e materiais que reforçam apenas os modelos tradicionais (cores - rosa e azul, boneca/carrinho, princesa/príncipe, brincadeiras agitadas e calmas), buscando não reproduzir, com os meninos e meninas modelos estereotipados de feminino/masculino.

Propor brincadeiras por meio da organização do espaço, brinquedos, objetos, jogos e enredos, de modo que os meninos e as meninas tenham possibilidade de experimentar diferentes brincadeiras, independentemente do sexo.

Garantir, aos meninos e meninas, ações de cuidado e consolo sem distinção de gênero (como nas situações que envolvem manifestações de choros, nos momentos de atenção com o corpo, como pentear os cabelos, trocar de roupas, entre outros) (FLORIANÓPOLIS, 2015, p. 36).

Levando em consideração as discussões em torno da presença das questões de gênero nos documentos oficiais, em que vários debates nos últimos anos giraram em torno da retirada, ou não, da temática das propostas curriculares, a garantia delas no currículo de uma rede pública se torna algo expressivo e significativo para a discussão de políticas públicas para a igualdade de gênero.

No entanto, para além das políticas públicas, se faz necessário pensar na formação das/os profissionais que atuam nas instituições de educação infantil, ao passo que

O professor e a professora são modelos de “homem” e “mulher”, ao realizarem suas atividades com os alunos, embora nem sempre se sintam comprometidos com Educação Sexual. Como são sexuados e assumem papéis “masculino” e “feminino”, não importa se com maior ou menor correspondência à estereotipia social – são modelos sexuais. Na sua rotina de trabalho interativo com os alunos, estão sempre a revelar como lidam com a dinâmica interpessoal, como se aceitam, como se colocam frente à sexualidade própria e dos outros. Enfim, é sua carga de medos, preconceitos, tabus, assim como de compreensão, aceitação e experiência de prazer, de alegria, que transparece em seu cotidiano profissional (GUIMARÃES, 1995, p. 100).

Dessa forma, não há como separar as práticas pedagógicas da formação e das subjetividades das/os docentes que atuam junto às crianças. Discutir a prática pedagógica e a identidade profissional de quem atua na educação infantil é, levar em consideração, as discussões que área vem fazendo, as concepções de criança e infância que vão se construindo e se resignificando ao longo da história, refletir sobre as formações iniciais e continuadas das/os profissionais e de que forma a educação infantil vem se constituindo como primeira etapa da Educação Básica.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração os dados encontrados nas pesquisas analisadas, é possível afirmar que, de modo geral, a identidade profissional da educação infantil vem se construindo e se resignificando enquanto função docente. Do seu passado profundamente assistencialista e higienista sendo a docência exercida por profissionais sem formação e com diferentes denominações como: embaladeiras, criadeiras, babás, cuidadoras, pajens, berçaristas, entre outras, como indicam Vieira (1988); Batista e Rocha (2015) e para as novas concepções pedagógicas que colocam a educação infantil como direito de todas as crianças, dever do Estado e como primeira etapa da educação básica responsável pela educação e cuidado das crianças pequenas, a docência e suas atribuições tem passado por transformações.

Neste cenário, a inserção de professores homens nas instituições de educação infantil pode, em um primeiro momento, configurar uma ruptura com o senso comum que aponta a profissão como feminina e destinada para as mulheres. Refletir sobre a atuação desses homens dentro dos espaços de atuação com crianças pequenas é levar em consideração de que, ainda hoje, não é esperado que homens desempenhem as mesmas funções que mulheres no cuidado e educação de crianças. Os momentos que envolvem cuidado, como troca de fraldas, ou de afetividade, como acolher as crianças no colo, demonstram que ainda há preconceitos que precisam ser desconstruídos, seja no que tange a possível orientação sexual e de gênero dos professores, seja por um imaginário coletivo que os coloca como possíveis agressores ou incapazes de desempenhar suas funções.

Nas pesquisas analisadas, embora as práticas pedagógicas de planejamento, registro e avaliação não tenham ganhado o mesmo peso de análise como as questões que são demarcadas por gênero e orientação sexual, é possível apontar que, assim como as professoras, os professores possuem práticas pedagógicas e concepções de criança, infância e educação infantil diversas e decorrentes de suas trajetórias e formações.

Não há como afirmar que a simples presença dos professores contribua para a ruptura das discriminações de gênero, já que, mesmo adentrando em espaços femininos, esses profissionais, muitas vezes, podem contribuir para a perpetuação de práticas e discursos que reafirmam padrões de gênero hegemônicos. É necessária uma análise mais aprofundada das práticas e contextos que estes profissionais estão inseridos para refletir se preconceitos e padrões de gênero estão sendo desconstruídos de fato. Assim

como as professoras, os homens que atuam nas instituições também carregam em si marcas de suas trajetórias que produzem sentido e significado para as questões de gênero e que irão contribuir, ou não, para práticas que rompam com os engessamentos das relações de gênero.

Dessa forma, se torna central pensar em formações que discutam questões de gênero e contribuam para a reflexão, não apenas das práticas pedagógicas das/os profissionais que atuam nas instituições de educação infantil, mas também sobre a própria identidade profissional, desconstruindo um senso comum que aponta a função docente como uma extensão da educação oferecida na esfera privada.

Neste sentido, o Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, ofertado pela Universidade Federal de Santa Catarina no período de 2015 a 2016, foi de grande contribuição para minha formação docente. Mesmo sem discutir diretamente a educação infantil, as discussões das disciplinas e a troca de experiências com colegas auxiliaram na ampliação da minha percepção de questões ligadas a gênero, sexualidade, raça, etnia e deficiências, ampliando minhas reflexões para a prática docente que exerço.

## 7 REFERÊNCIAS

BRANT, Patrícia Regina Silveira de Sá. Do perfil desejado - a invenção da professora de educação infantil da rede municipal de ensino de Florianópolis. **Anais do COEB**, 2014.

BATISTA, Rosa, ROCHA. Eloísa Acires Candal. A constituição histórica da docência na educação infantil: um estudo a partir do contexto catarinense do início do século XX. **Anais da Anped**, 2015.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CERISARA, Ana Beatriz. **A construção da identidade das professoras de Educação Infantil**: entre o feminino e o profissional. 1996. São Paulo, USP, Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

CERISARA, Ana Beatriz. **Em busca da identidade das profissionais de educação infantil**. Portal educação Salvador. Disponível em: 1996a.

<http://www.portal.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educar/educacao-infantil/artigos/em%20busca%20da%20identidade%20das%20profissionais....pdf>

FLORIANÓPOLIS. **Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis**. Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis, Secretária Municipal de Educação, 2015.

GRAUPE, Mareli; BRAGAGNOLLO, Regine. **As Diferenças de Gênero no Espaço Escolar**. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. Livro didático.

GUIMÃRES, Isaura. **Educação Sexual na Escola: mito e realidade**. Campinas – SP: Ed. Mercado de Letras, 1995.

FURLANI, Jimena (org). **Educação Sexual na Escola: equidade de gênero, livre orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito as diferenças**. 1ª Ed. Florianópolis: UDESC/MEC – SECAD, 2008.

KRAMER, Sonia; SOUZA, Solange Jobim e. Educação ou tutela? A criança de 0 a 6 anos. São Paulo: Edições Loyla, 1988. 111 p. (Coleção Espaço)

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

PEREIRA, Maria Arlete Bastos. **Professor Homem na Educação Infantil: a construção de uma identidade**. 2012. Guarulhos, UNIFESP, Dissertação (Mestrado

em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência). Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2012.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche**. 2005. Florianópolis, UFSC, Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

VIEIRA, Livia Maria Fraga. Mal necessário: creches no departamento nacional da criança (1940-1970). **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo. v. 67, 3-16. 1988.